



**PET Indígena**

18 de agosto de 2020 · 🌐



Olá! Meu nome é Nair Batista Felício, tenho 34 anos, sou indígena Palikur-Arukwayene, da Aldeia Kumenê, da Terra Indígena Uaçá. Atualmente moro no município de Oiapoque, mas toda minha família mora na Aldeia Kumenê. Entre 2011 e 2016 cursei a Licenciatura Intercultural Indígena, na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Campus Binacional do Oiapoque. No ano de 2018 passei a cursar a Enfermagem, ainda estou cursando, mas com o surgimento do novo vírus o nosso está com as atividades suspensas, por motivo da aglomeração nas salas, e também para nos protegermos do coronavírus.

A primeira notícia, a primeira vez que ouvi falar sobre o coronavírus (COVID-19) foi através da TV, Facebook e grupos de Whatsapp. As notícias mostravam tantas mortes causadas pelo coronavírus que fiquei assustada, porque não eram poucas pessoas que já tinham morrido. Acompanhando as notícias vi que o vírus vinha se aproximando. E o vírus estava se espalhando rapidamente em todos os países, nem demorou muito tempo chegou no Brasil, foi passando pelos estados e municípios. Comecei a ficar mais preocupada ao pensar que a nossa população Palikur-Arukwayene é pouca, então, se esse vírus chegasse no município de Oiapoque seríamos prejudicados. Sabemos que o nosso município de Oiapoque tem uma situação precária em relação à saúde.

Quando o vírus chegou no município de Oiapoque a minha preocupação foi aumentando cada vez mais, pensando em nós, indígenas, porque somos acostumados a viver em coletivo, junto a família e amigos. Trabalhamos sempre em mutirão, viajamos no barco com a família e parentes, não temos costume de usar máscaras e álcool gel. Sem orientações dos profissionais da saúde para nos ensinar a se prevenir do vírus, seríamos mais prejudicados e contaminados por esse vírus.

Algumas pessoas são hipertensas, diabéticas e do grupo de risco, uma delas é a minha mãe. Falei com minha família, orientei como se proteger do vírus, pedi para conversarem com a nossa mãe, para ela ficar na aldeia em isolamento. Eu não podia ficar na aldeia porque no município de Oiapoque o vírus já havia se espalhado, tive que me manter isolada em casa, no Oiapoque, mas me comunicava com a minha família através da internet. Depois soube que o vírus já tinha chegado na aldeia Kumenê, fiquei preocupada com a minha mãe, e quando a minha irmã falou que ela estava doente o desespero veio, mas já tinha ouvido a falar do chá que fez muitas pessoas melhorarem dessa doença, planta que não tinha mais na aldeia. Comprei aqui no Oiapoque, mesmo sem ter dinheiro, mas para comprar dei um jeito, comprei e mandei para ela, assim ela melhorou. Hoje a minha mãe está bem e também estamos bem. Agradeço hoje a Deus, por ter nos dado sabedoria para termos esse conhecimento, para fazermos remédio de chá e curar as pessoas. Sinto falta da família, dos amigos e também dos estudos, quero terminar o meu curso e trabalhar com o meu povo Palikur, orientado eles a como se proteger de várias doenças.

Oiapoque, Amapá, Brasil

13 de agosto de 2020

[#OPETNãopara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

Salut! Je m'appelle Nair Batista Felício, j'ai 34 ans, je suis un indigène Palikur-Arukwayene, d'Aldeia Kumenê, de la Terre Indigène d'Uaçá. Je vis actuellement dans la municipalité d'Oiapoque, mais toute ma famille vit au Village Kumenê. Entre 2011 et 2016, j'ai suivi le Cours de Diplôme Interculturel Indigène, à l'Université Fédérale d'Amapá (UNIFAP), Campus binational d'Oiapoque. En 2018, j'ai commencé à étudier les sciences infirmières, j'étudie toujours, mais avec l'émergence du nouveau virus, nos activités sont suspendues, en raison de l'encombrement des salles, et aussi pour se protéger du coronavirus. La première nouvelle, la première fois que j'ai entendu parler du coronavirus (COVID-19), c'était via les groupes TV, Facebook et Whatsapp.

La nouvelle a montré tant de décès dus au coronavirus que j'avais peur, car il n'y avait pas quelques personnes qui étaient déjà mortes. Suite à la nouvelle, j'ai vu que le virus approchait. Et le virus se propageait rapidement à travers les pays, il n'a pas fallu non plus longtemps pour arriver au Brésil, en passant par les États et les municipalités. J'ai commencé à être plus inquiet quand j'ai pensé que notre population de Palikur-Arukwayene était petite, donc, si ce virus arrivait dans la commune d'Oiapoque, nous serions lésés. Nous savons que notre commune d'Oiapoque a une situation précaire en matière de santé. Lorsque le virus est arrivé dans la commune d'Oiapoque, mon inquiétude grandissait de plus en plus, en pensant à nous les peuples indigènes, car nous avons l'habitude de vivre ensemble, en famille et entre amis. Nous travaillons toujours ensemble, nous voyageons sur le bateau avec la famille et les proches, nous n'avons pas l'habitude de porter des masques et du gel alcoolisé. Sans les conseils des professionnels de la santé pour nous apprendre comment prévenir le virus, nous serions plus touchés et contaminés par ce virus. Certaines personnes sont hypertendues, diabétiques et à risque, l'une d'entre elles est ma mère. J'ai parlé à ma famille, je leur ai dit comment se protéger du virus, je leur ai demandé de parler à notre mère pour qu'elle puisse rester isolée au village. Je ne pouvais pas rester dans le village car dans la commune d'Oiapoque le virus s'était déjà propagé, je devais rester isolé chez moi, à Oiapoque, mais j'ai communiqué avec ma famille sur Internet.

Puis j'ai appris que le virus était déjà arrivé dans le village de Kumenê, j'étais inquiet pour ma mère, et quand ma sœur a dit qu'elle était malade, le désespoir est venu, mais j'avais déjà entendu parler du thé qui a rendu beaucoup de gens mieux de cette maladie, plante qui n'avait plus dans le village. Je l'ai acheté ici à Oiapoque, même sans argent, mais pour l'acheter, j'ai réussi, je l'ai acheté et je lui ai envoyé, alors elle s'est améliorée. Aujourd'hui ma mère va bien et nous allons bien. Je remercie Dieu, aujourd'hui de nous avoir donné la sagesse d'avoir cette connaissance, de faire du thé et de guérir les gens. La famille, les amis et aussi les études me manquent, Je veux terminer mon cours et travailler avec mon peuple de Palikur, en les guidant sur la façon de se protéger de diverses maladies.

Oiapoque, Amapá, Brésil

13 Août 2020

Traduit par Johnson Morancy

[#OPETNãopara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

Hello! My name is Nair Batista Felício, I'm 34 years old, I'm a Palikur-Arukwayene indigenous, from Aldeia Kumenê, from the Uaçá Indigenous Land. I currently live in Oiapoque, but my whole family live in Kumenê Village. Between 2011 and 2016, I attended the course in Indigenous Intercultural, at the Federal University of Amapá (UNIFAP), in the campus Oiapoque Binational. In 2018, I started to attend a Nursing school, in which I have not finished yet, because since the emergence of the new virus, our activities are suspended, due to the crowding in the rooms and to protect ourselves from the coronavirus.

The first time I heard about the coronavirus (COVID-19) was through TV, Facebook and Whatsapp groups. The news showed so many deaths from the coronavirus that I was scared. Following the news, I saw that the virus was getting near to us and that the virus was spreading rapidly in all countries, it didn't take long to arrive in Brazil, it was passing through states and municipalities. I started to get more worried when I thought about the small number of our Palikur-Arukwayene population, which means that if this virus arrives here, we would be harmed. We know that the municipality of Oiapoque has a precarious situation regarding to its healthcare system.

When the virus arrived in Oiapoque, my concern was growing more and more, I was thinking of us, indigenous people, because we are used to live together with family and friends. We always work collectively, we travel on the boat with family and relatives, we are not used to wear masks and alcohol gel. Without guidance from health professionals to teach us how to prevent the virus, we would be more affected and contaminated by this virus.

Some people are hypertensive, diabetic and they are part of the risk group, one of them is my mother. I talked to my family, I told them how to protect themselves from the virus, I asked them to talk to our mother, so she could stay in the village in isolation. I couldn't go to the village because the virus had already spread a lot in the place where I live, so I had to stay isolated at home in Oiapoque, but I kept in touch with my family through the internet. Then I learned that the virus had already arrived in the Kumenê village, I was worried about my mother, and when my sister said she was sick, I suddenly got desperate, but I had already heard about the tea that made many people get better from this disease, but it's made by a plant that we no longer had in the village. I bought it here in Oiapoque, even without money, but I managed to buy it. I bought it and sent it to her, so she got better. Today my mother is doing well and we are doing well. I thank God today for giving us wisdom to have that knowledge, to make tea medicine and heal people. I miss my family, friends and my studies, I want to finish my course and work with my Palikur people, orienting them on how to protect themselves from various diseases.

Oiapoque, Amapá, Brazil

August 13, 2020

Translated by Gabriel Eudes de Amorim Lima

[#OPETNãopara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

¡Hola! Mi nombre es Nair Batista Felício, tengo 34 años, soy Indígena de Palikur-Arukwayene, de la aldea Kumenê, de la tierra Indígena Uaçá. Actualmente vivo en el municipio de Oiapoque, pero toda mi familia vive en la aldea Kumenê. Entre 2011 y 2016 estudié Licenciatura Intercultural Indígena, en la Universidad Federal de Amapá (UNIFAP), Campus Binacional de Oiapoque. En el año 2018 pasé a estudiar la enfermería, todavía la estoy estudiando, pero con el surgimiento del nuevo virus se suspendieron las actividades, por motivo de las aglomeraciones en las salas y también para protegernos del coronavirus. La primera noticia, la primera vez que escuché sobre el coronavirus, fue a través de la televisión, Facebook y grupos de Whatsapp. Las noticias mostraban tantas muertes causadas por el coronavirus, que me quedé asustada, porque no eran pocas personas las que ya murieron.

Siguiendo las noticias vi que el virus se estaba aproximando. El virus se estaba esparciendo rápidamente en todos los países, ni duró mucho tiempo en llegar a Brasil, fue pasando por los Estados y municipios. Comencé a estar más preocupada al pensar que nuestra población Palikur-Arukwayene es poca, por lo tanto, si ese virus llegase en el municipio de Oiapoque estaríamos perjudicados. Sabemos que nuestro municipio Oiapoque tiene una situación precaria en relación a la salud.

Cuando el virus llegó en el municipio de Oiapoque, mi preocupación se fue aumentando cada vez más, pensando en nosotros, los indígenas, porque estamos acostumbrados a vivir juntos, junto a la familia y amigos. Trabajando siempre en grupo, viajamos en el barco con la familia y parientes, no tenemos la costumbre de usar mascarillas y alcohol en gel. Sin orientaciones de los profesionales de salud, para que nos enseñen a prevenir el virus, seríamos los más perjudicados y contaminados por ese virus.

Algunas personas son hipertensas, diabéticas y del grupo de riesgo, una de ellas es mi madre. Hablé con mi familia, orienté como nos podemos proteger del virus, pedí a que se hable con nuestra madre, para que ella se quede en la aldea en aislamiento. No me podía quedar en la aldea, porque en el municipio de Oiapoque el virus ya se había expandido, me tuve que quedar aislada en casa, en Oiapoque, pero me comunicaba con mi familia por Internet.

Después supe que el virus ya había llegado en la aldea Kumenê, me quedé preocupada por mi madre y cuando mi hermana dijo que ella estaba enferma llegó el desespero, pero ya había oído hablar del té que hace que muchos se mejoren, pero ya no había esa planta en la aldea. La compré en Oiapoque, aun sin tener dinero, pero me espabilé para comprarla, la compré y la mandé a mi madre, así se mejoró. Hoy mi madre está bien y nosotros también. Agradezco a Dios, por habernos dado la sabiduría, por ese conocimiento que usamos para hacer té y curar a las personas. Echo de menos a mi familia, mis amigos y también a los estudios, quiero terminar mi carrera y trabajar con mi pueblo Palikur, orientando les sobre cómo se pueden proteger de varias enfermedades.

Oiapoque, Amapá, Brasil 13 de agosto de 2020

Traduzido por Benjamin Mba Abuy Nfumu

[#OPETNãopara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

